



## OS EIXOS DA SUBVERSÃO ANALÍTICA: OS QUATRO DISCURSOS

*Jorge Forbes*

### I – A QUESTÃO DA PSICANÁLISE NO MUNDO:

Esse Seminário "**O Averso da Psicanálise**" é considerado, por muitos dos leitores de Lacan, como o grande seminário do **GOZO**. Ele responde e foi lançado conjuntamente ao seminário sobre "**A Transferência**", que seria o seminário do **AMOR**.

Qual seria a diferença elementar entre esse seminário do amor e o seminário do Averso da Psicanálise, o seminário do gozo?

A diferença elementar é que o **amor** poderia ser escrito e o **gozo** seria aquilo que escaparia a qualquer possibilidade de inscrição.

Também poderíamos dizer que o seminário sobre "**A Transferência**" responde sobre uma das vertentes da Psicanálise – a vertente do trabalho do Inconsciente. O seminário do "**Averso da Psicanálise**" trabalha sobre a vertente específica do trabalho, não do analisando, mas do psicanalista – na vertente de se oferecer ao seu analisando enquanto um objeto causa de seu gozo impossível.

É um seminário sobre o gozo e não, portanto, sobre o amor. Trata de algo que vai **além do amor**. Se nós entendermos assim, é que podemos perceber porque escolhemos este seminário para discutir a questão da Psicanálise no mundo e a questão da Psicanálise na clínica.

Na apresentação que Luís Carlos Nogueira nos leu do folheto, há essa frase de Caetano de que tem "*alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial.*" Todos devem conhecer essa música. Fez um sucesso enorme no seu último show e acredito que responde divinamente a Fukuyama e seu livro, que também fez muito sucesso entre nós o ano passado. Esse livro – "*O Fim da História*", foi feito por esse americano que recebe seu nome Francis Fukuyama. Na escola jovem americana, fez um enorme sucesso. Releu as teses hegelianas e apresentou nos EUA dizendo que, a partir da queda do muro de Berlim, a partir da Guerra do Golfo Pérsico e da hegemonia dos EUA no mundo, nós teríamos agora o final da História. Ele se basearia que haveria um

final da História a partir de Hegel porque o neo-liberalismo americano imperaria no mundo e não haveria mais História, uma vez que o homem não teria mais pra onde ir, teria chegado ao máximo, ao píncaro da sua perfeição em termos sociais e que, a partir daí, nós só deveríamos ter certos ajustamentos.

Ele propõe, portanto, que exista... que nós tenhamos já chegado a esse final da História na nova ordem mundial. Ora, essa nova ordem mundial não parece estar trazendo grandes resultados. A essa "*nova ordem mundial*" Caetano faz uma crítica na sua música, portanto, "*fora de ordem*" quando diz por exemplo:

*"Te encontro em Sampa,  
De onde mal se vê quem sobe ou  
desce a rampa,  
Alguma coisa em nossa transa  
é quase luz forte demais,  
Parece pôr tudo à prova,  
Parece fogo,  
Parece paz,  
Parece parto,  
Pletora de alegria,  
Um show de Jorge Benjor dentro de nós,  
É muito grande, é grande, é total"*

O pulo, é interessante, é quando ele termina a música e diz assim:

*"Eu sei o que é bom,  
Eu não espero pelo dia em que  
todos os homens concordem,  
Apenas sei de diversas harmonias  
bonitas possíveis,  
Sem Juízo Final."*

Conclui:

*"Alguma coisa está fora da ordem,  
Fora da nova ordem mundial."<sup>1</sup>*

Eu queria chamar a atenção para a opção dele na música ao dizer que: "*eu sei o que é bom, eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem.*" Como Fukuyama não deveria esperar, ele apenas sabe "*de diversas harmonias possíveis, sem Juízo Final.*" Alguma coisa, portanto, totalmente fora da ordem do que Lacan chamaria ou "*Discurso*

*do Mestre*” ou *“Discurso Universitário”* (a gente vai ver... dependeria, mas alguma coisa fora do superego). De alguma maneira, não espera nenhum tipo de harmonia superegóica de um Juízo Final (como o obsessivo espera que um dia possa ser aplicado), porque, *“alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial.”*

Eu acho interessante a gente ver que, nos mais diversos domínios, se anuncia o final da Psicanálise. *“O Estado de São Paulo”* desse domingo, por exemplo, teve um artigo: *“O cérebro, a década das descobertas.”* Muitas vezes o Freud é culpado daquela maldita frase: *“Um dia, talvez, o avanço da Biologia virá provar ou ir contra as minhas descobertas e aquilo tudo que eu estou dizendo poderá parecer desnecessário”* e aí depois vem um americano escrevendo aquele livro sobre o plano biológico.

Mas, enfim, isso nós vemos no *“O Estado de São Paulo”*; nós vemos no próximo Congresso da Associação Mundial de Psiquiatria, em junho desse ano, no Rio de Janeiro, aonde nós esperamos um domínio absoluto da Psiquiatria Biológica, aonde, nas novas classificações das doenças mentais, toda a influência que a Psicanálise teve em algum momento foi posta prá fora. Vemos e vivemos num país aonde cada vez mais acredita-se na prova da realidade biológica e a obscenidade impera, infelizmente. Aonde, por exemplo, ontem, um ex-presidente da República, de triste memória mas, enfim, um ex-presidente da República faz um exame para provar a seu irmão que ele realmente não fez o diabo da vasectomia... tem outro nome em Psicanálise... que ele não fez a vasectomia, portanto... ele não brigou com a mulher porque estaria grávida por causa de um amante... que então vai lá... prova o outro...

Bom, isso os próprios jornais já se perguntam: aonde vão? O *“Jornal da Tarde”*, há três semanas atrás, durante dez dias, fez todo um comentário: aonde estava indo a ética jornalística, aonde estava indo o espaço público, o espaço privado? Acredito que muitos devem ter acompanhado.

Acredito que também nós temos outros tipos de discussões. Por exemplo, acho interessante essa peça *“Rancor”*, que o Otávio Frias de Oliveira fez. Está levando neste momento com Bete Coelho, no teatro Ruth Escobar e mereceu uma crítica de Marcelo Coelho, no dia 28 de março, na *“Folha de São Paulo”* e uma resposta de Otávio nesse domingo. Acho interessante ver, por exemplo, como pessoas como Otavinho e Arnaldo Jabour utilizam a Psicanálise, utilizam de alguma maneira a subversão analítica e, muitas vezes, nós analistas, se assim pudéssemos dizer, não a utilizamos.

Aliás, Otávio responde a Marcelo Coelho dizendo que talvez ele tenha expectativa de uma arte clássica e que, realmente, o Brasil tem problemas, por isso ele pôs o Howland Blum na peça dele. Diz que nós

vivemos num país aonde, talvez, não tenhamos muita preocupação em saber se temos alguma paranóia com a criação porque não temos de quem herdar nenhuma criação. Nosso problema é: nós lutamos por uma filiação e não por uma paranóia dessa filiação. Nós estamos, realmente, no avesso da História.

Mas é muito interessante quando, em um dado momento, o Otávio chega à conclusão de que "*é necessária a repressão para que exista a criação.*" Ele lembra a Psicanálise. Eu só não concordaria com o Otávio dizer de que "*é necessária a repressão*" porque ela é um fato de estrutura, não é uma coisa que você precise impor.

Enfim, eu acho que são questões que falam a respeito de elementos que estão fora da ordem e que as tentativas de resposta têm sido catastróficas. Tentativas de resposta que Lacan avisou que poderia ter. É interessante como num texto, aonde a gente não esperaria isto, num texto sobre "*A proposição de Analista da Escola*" (na pág. 29, Scilicet nº1), Lacan conclui:

*"Nosso futuro de mercados comuns encontrará o seu balanço numa extensão cada vez mais dura dos processos de segregação."*<sup>2</sup>

Repito para quem não conhece esse texto: nosso futuro de mercados comuns, quanto maior houver uma comunidade, quanto maior o homem tender a ser um... nós encontraremos como balanço um progressivo processo de segregação.

Nós encontramos Le Pen na França, nós encontramos os *Skin Heads* na Alemanha, nós vemos o mau trato que ocorre ao homem... Para dizermos de uma maneira ampla, é o que acontece em toda tentativa de não se levar em conta alguma que escapa dessa nova ordem, dessa nova ordem mundial.

É isso que eu acho que nós podemos ver, tal como eu me propus, progressivamente chegando a esse texto, "*O Averso da Psicanálise.*"

## **II – ABRANGÊNCIA DO SEMINÁRIO:**

O Seminário "*O Averso da Psicanálise*" é dividido em três partes:

- EIXOS DA SUBVERSAO ANALÍTICA
- PARA ALÉM DO COMPLEXO DE ÉDIPO
- O AVESSE DA VIDA CONTEMPORÂNEA.

Vou fazer uma leitura agora rápida do texto inteiro, numa abrangência do seminário e muito me auxiliou uma leitura do livro de Eric Laurent, chamado "*Lacan y los Discursos.*"<sup>3</sup>

Tem toda uma introdução aonde Eric faz, em 45 páginas, um apanhado geral desse seminário. Depois, tem uma série de outros textos que também falam de recortes sobre o tema, o Averso da Psicanálise. Vou seguir os passos dessa leitura, mas livremente, não vou acompanhar ao pé da letra.

O que a Psicanálise subverte é um pouco de tudo aquilo que eu acabei de dizer: O "**EIXOS DA SUBVERSÃO ANALÍTICA**" teria, talvez, um outro título que seria "**O GOZO.**" O eixo da subversão analítica, o eixo que a Psicanálise traz é avisar: "*olha, tem alguma coisa fora de ordem.*"

O capítulo II inicia com o "**MESTRE E A HISTÉRICA.**" O Mestre e a Histórica é para nos chamar a atenção de porque não "*O Mestre e o Escravo.*" É porque o Mestre e o Escravo seria Hegel e não é Hegel, é Lacan. É o Mestre e a Histórica! Há uma diferença elementar entre a posição do escravo e a posição da histórica.

A diferença fundamental é que o escravo tem o saber e a histórica solicita o saber e, nisso, vai uma diferença de Lacan pra Hegel.

Eric lembra no seu texto, que nós estamos trabalhando com três conceitos de História no seminário, o tempo inteiro. Os três conceitos de História, a partir de Kojève, são:

- um conceito de **História Antiga**
- um conceito de **História Moderna**
- e um conceito de História que não está definido, mas que seria um conceito de **História depois da Psicanálise.**

O conceito de HISTÓRIA ANTIGA seria uma História aonde o sujeito (no caso, o *sujeito grego*) *não seria responsável, em última análise, pelo seu ato. Ou seja, por maior* legalização da pólis grega, a decisão final ficaria por conta dos **deuses**. Os deuses saberiam do acerto ou do erro de uma decisão e os gregos consultariam... não diria os seus orixás... mas consultariam os seus deuses para darem sua última palavra. Isto é uma diferenciação de Kojève, insisto.

Depois disso, Kojève (de quem Lacan foi aluno) diria sobre a HISTÓRIA JUDAICO-CRISTÃ. É interessante como é que junta, sem cerimônia, o judaico com o cristão. Talvez seja porque o judaísmo, antes de surgir o cristianismo, tem mais de 3.000 anos de História. Quer dizer que, sem cerimônia, é essa de dizer: "*cultura judaico-cristã.*" Mas se Kojève faz isso, ele se autoriza a fazê-lo porque a diferença do sujeito grego do sujeito judaico-cristão é que este teria uma decisão em si mesmo, seria uma decisão baseada em **si mesmo**. Na ausência dos deuses, a decisão recairia sobre o **sujeito**.

Eric põe um adendo e daí fala da proposição por Kojève de, politicamente, defender a monarquia constitucional. Por quê? Por duas

razões. Seria muito perigoso o rei ter o poder absoluto porque seria um tirano. Sendo uma monarquia constitucionalista, nós teríamos o parlamentarismo e, ao mesmo tempo, o rei teria um pai. Na monarquia, o poder do tirano passaria de pai para filho e isso seria muito interessante – colocar no tirano uma paternidade. Eric deixa entrever que Lacan pensaria que Freud também seria adepto disso. Eu não vou aprofundar esse tema nesse momento mas deixo entrever que, provavelmente Freud votaria numa monarquia constitucionalista enquanto Lacan seria, seguramente, parlamentarista. Bom, eu acho! Seria parlamentarista se tivesse que votar semana que vem.

Portanto, já falei da diferença do sujeito antigo do sujeito moderno, hegeliano.

Haveria um **novo sujeito com uma nova razão, depois de Freud**. Esse novo sujeito seria de um outro tipo de definição porque não se poderia dizer que ele se define em si, uma vez que esse "si" se lhe escapa. Não sei se deveríamos dizer do desejo ou do gozo. Eu não sei mesmo, não é jogo de palavras. Eu não sei. É algo que eu estou refletindo – de que maneira nós poderíamos colocar esse sujeito.

Bom, eu me aprofundei demais sobre o item II – o Mestre e a Histórica e não o Mestre e o Escravo.

Aqui passa para o capítulo III: "**SABER, MEIO DE GOZO.**" Nesse capítulo, é de se chamar a atenção porque o saber com o gozo. Normalmente, o saber não tem nada a ver com o gozo, muito pelo contrário: parece que não se goza onde se sabe, não se sabe onde se goza. Saber, meio de gozo, segue esta discussão de que maneira eu posso, numa análise, avançar com a interpretação, a nível de saber sobre um gozo que me escapa.

O capítulo IV é uma discussão com Wittgenstein. Se **VERDADE** está colocada como **IRMÃ DE GOZO** é porque para Wittgenstein, a verdade também está fora da ordem. Não interessa, para Wittgenstein, uma verdade referencial. Para ele, interessa uma verdade que se prove no próprio contexto da sua enunciação. Ele está se lixando para saber se essa verdade tem amparo ou não tem amparo. Aquilo que pode ser dito é que é importante, aquilo sobre o qual não pode ser dito que se cale para sempre.

Muitos reconhecem que eu estou mal repetindo o final do "*Tratado Lógico e Filosófico*." Ora, nesse momento, Lacan cria uma discussão com Wittgenstein dizendo que, para ele, a verdade está fora da enunciação, como o gozo também. A verdade, nesse sentido, teria uma fratria com o gozo.

Finalmente, capítulo V – "**O CAMPO LACANIANO**". É quando Lacan define o campo de Freud – o campo do Inconsciente. O campo de Lacan é o campo do gozo.

Nessa primeira unidade, Lacan coloca o problema do **gozo**. Na segunda unidade, vai discutir com Freud diretamente, dizendo: "Será que a melhor medida que nós temos para trabalhar com a descoberta da Psicanálise, não só a descoberta do Inconsciente, mas a descoberta do que está para o trabalho do Inconsciente – a descoberta do gozo – será que a melhor coisa ainda é Freud, o pai? Será que uma Psicanálise termina no Pai?"

De outra maneira seria: você tem um impasse, você tentou ir às últimas conseqüências, você escreveu "Moisés e o Monoteísmo", você fez "Análise Terminável e Interminável" e, neste texto, você finalmente diz: - "Olha, não dá. Por melhor que uma análise possa levar um paciente, a gente vai sempre chegar num impasse" (reproduzo uma palavra de Freud em "Análise Terminável e Interminável").

Lacan diz: -"Sim, o seu Édipo como mito serviu para conduzir as análises até um certo ponto. Talvez agora possamos ir **além** do Édipo. Talvez agora possamos ter uma nova teoria, para avançarmos, para ganharmos com a Psicanálise um novo terreno, um terreno que se ultrapasse ao Pai, daí o nome da Unidade **PARA ALÉM DO COMPLEXO DE ÉDIPO.**"

O capítulo VI, "**O MESTRE CASTRADO**" é uma recuperação de "O Mestre e a Histórica." E a conclusão: o Mestre e a Histórica é o resultado do Mestre castrado.

O capítulo VII, "**ÉDIPO E MOISÉS E O PAI DA HORDA**" recupera a discussão com Freud. "**DO MITO À ESTRUTURA**" (capítulo VIII), avança teoricamente e faz um aperitivo falando sobre "**A FERROZ IGNORÂNCIA DE IAHVÉ**", ou Jeová (capítulo IX). Enfim, nos explicará de que melhor maneira escreveu o tetagrama, a dificuldade de tradução desse termo de Yahvé.

Finalmente, a III Unidade: "**O AVESSO DA VIDA CONTEMPORÂNEA**", termo que ele retoma de Balzac, dividido também, como os outros, em 4 capítulos.

O primeiro, "**CONVERSA NOS DEGRAUS DO PANTEÃO**" (capítulo X), um texto de 1970. Lacan conversa com os estudantes e avisa a eles mais uma vez: "Vocês que saem às ruas, que fazem todas estas brigas, que acham que estão revolucionando o mundo, vocês não fazem mais do que pedir aos amigos um mestre e um mestre vocês terão." Nós vamos encontrar esta citação, em Analyticon (pág. 169). Melhor explicação ele dará três anos depois, quando ele faz Televisão. Quem quiser ver isto com cuidado pode encontrar na página 25 do original quando ele responde à pergunta sobre: "Afim de contas, será por quê que, enquanto todo mundo carrega nas costas as misérias do mundo, os psicanalistas ficam atrás de seus divãs?"

E ele responde:

*"É certo que, de tanto se apiedar da miséria como você está recontando, o que se faz é entrar no discurso que o condiciona, mesmo que seja o título de protestá-lo."*

Aonde ele mostra que não seria a melhor política a política contestatória. Eric comenta que o resultado da grande revolução de 68, onde vários atuais lacanianos conhecidos foram líderes, como todos sabem, por exemplo: Jacques Alain Miller, Judith Miller, Alain Grosrichard, etc. O resultado para eles foi se tornarem analistas e para a França foi ter uma nova ordem mais forte que a anterior. Quer dizer, o governo posterior a 68 foi um governo refinado em termos de controle estatal.

Depois temos o capítulo XI – **"OS SULCOS DA ALESTOFERA"** – Aletosfera vem de aletea. Ao invés de Lacan falar estratosfera, ele fala aletosfera. Quer dizer, nessa esfera de verdade que nós estamos habitando, nesses sulcos, nesses caminhos que nos propõem, o que vemos é um terrível fracasso.

Chama à responsabilidade na **"A IMPOTÊNCIA DA VERDADE"** e **"O PODER DOS IMPOSSÍVEIS"** (capítulos XII e XIII), aonde o poder dos impossíveis diz respeito aos três grandes impossíveis:

- o impossível de **educar**, do Discurso Universitário.
- o impossível de **governar**, do Discurso do Mestre.
- o impossível de **analisar**, do Discurso do Analista.

Finalmente, qual é esse poder? Ele termina o texto dizendo sobre a posição que se espera de um analista nesse mundo atual. Era na década de 70, mas acho que será o nosso caso saber o que é que nós podemos responder.

Então, rapidamente, talvez de uma forma até pesada, acabei de fazer uma primeira abordagem geral desse texto, revelando então estas três unidades:

- No *"Eixos da Subversão Analítica"*, eu tenho o GOZO.
- Como se trata o gozo, indo *"Para Além do Complexo de Édipo."*
- E no *"O Averso da Vida Contemporânea"*, as conseqüências na vida contemporânea, vida social e vida analítica.

### **III – A QUESTÃO DA PSICANÁLISE NA CLÍNICA:**

Passo para uma outra questão agora. É o que eu pretendo fazer nessa última parte, a discussão que eu gostaria de apresentar hoje. Passo para uma parte clínica.

Partindo de uma idéia clínica, de uma idéia fundamental, quem vai fazer uma análise (para recuperar o termo de Lacan) é um errante na vida... erra! E depois de uma análise a pessoa não deve mais **errar** na vida. É claro que eu estou fazendo alusão ao título do seu seminário "*Le non-dupes errent*", que é um jogo de palavras entre "*os nomes do pai*", se se falar dessa maneira - "*les noms du père*" e também "*les non dupes errent*", que quer dizer "*os não tolos erram.*" Quer dizer, os espertos se ferram. Por quê? Porque para fazer análise, de uma certa maneira, a pessoa deve se permitir, como Lacan dizia, se fazer de tonto frente àquela situação. Falar por exemplo soltamente é uma forma de se deixar ser tonto, falar besteira, falar coisas que se tem vergonha, falar coisas complicadas, falar coisas que não se sabe aonde vai, falar coisas que o outro pode criticar, que o outro pode achar ruim e saber que aquela resposta não está sob o domínio daquele que fala mas é resultado de uma estrutura, de uma maquinária em curso que é a maquinária da estruturação da situação analítica.

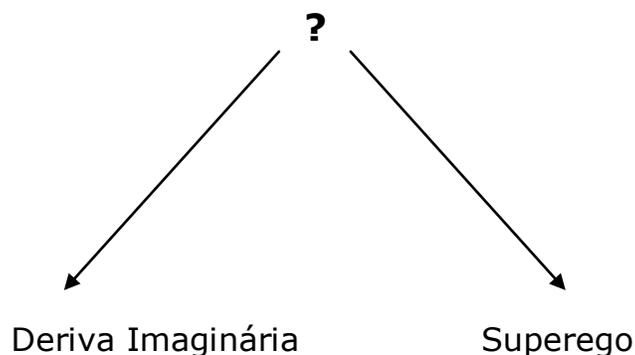
Sobre a forma de errar eu poria, para responder ao termo de "*não errar*", o termo de Lacan da "*decisão sobre o seu desejo.*"

Será como, realmente, no final de uma análise uma pessoa pode vir a decidir sobre o seu desejo e que tipo de saber pode lhe dar uma certa certeza sobre sua ação? Certeza esta sobre sua ação que não pode dar nenhum tipo de acomodamento, porque se análise fosse para padronizar uma pessoa a um determinado tipo de ação, seria fácil, seria uma psicoterapia. Como fazer com que o analisando termine uma análise e não faça como, por exemplo, algumas vertentes, inclusive pessoas que começaram a ver Lacan mas que depois propõem que não existe um final de análise? Mas como dizer que existe um final de análise sem que exista um padrão? Normalmente, todo problema de se conversar sobre final de análise é que nosso pensamento normalmente junta final de análise com o padrão de comportamento. Tanto junta que, quando uma pessoa faz uma coisa fora de ordem se diz assim: "*pô, mas não fez análise esse cara?*"

Essa expressão "*não fez análise?*" nos revela como, atrás da gente, por melhor que a gente possa expor, tem a expectativa de um padrão, de um cara certo, "*analisado.*"

Como não seria possível um final de análise sendo possível a autorização do final de uma análise? Parto de uma questão que me ocorreu em clínica, que era o seguinte fato que eu queria dividir com vocês: (caso clínico)

A maneira mais simples que eu pude pensar isso e que eu vejo é que, normalmente, a partir de um ponto perdido, a partir de um ponto de ignorância fundamental, as análises vão para um lado superegóico ou para um lado de deriva imaginária.



Não é conceitual o que eu estou falando. É muito aproximativo. Como eu disse, é para conversar com vocês. Acredito que a maioria aqui tem clínica e eu quero conversar, saber se vocês também vêem alguma coisa semelhante, que tem me parecido encontrar na minha clínica.

Por quê? Porque a partir de um ponto de ignorância, ignorância sobre o que eu devo fazer, as pessoas:

- ou elegem um determinado padrão, que eu quero chamar de **superego**, como no caso dessa moça que elege esse determinado padrão e, a partir daí, resolve levar bem a vida e não leva, a vida fica péssima.
- ou a pessoa faz uma **deriva imaginária** no sentido de, ao não ter um padrão, se compara com os outros, faz fofoca na sessão. Nas sessões de analistas é fácil a fofoca. Cada probleminha institucional é uma enxurrada na derivação imaginária. Aí, de repente por exemplo, entre certos agrupamentos lacanianos no Brasil: "*Agora vai surgir uma Escola. Então, a Escola!*" usam palavras de ordem: "*Passe na entrada!*" Então pronto, organizou. Aí, regulariza durante um certo tempo e pode dar uma acalmia.

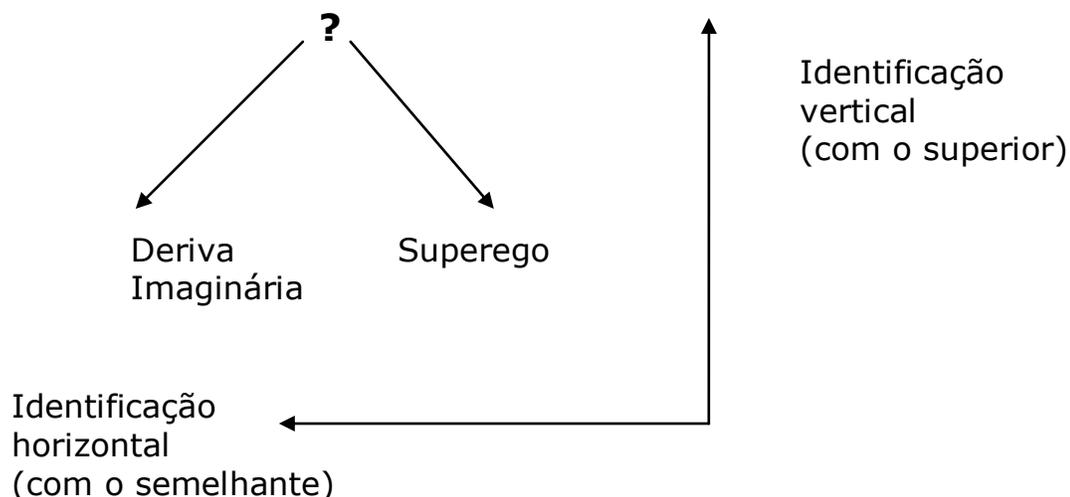
O analista deveria evitar dois perigos:

- ou dar importância à deriva imaginária, confundindo-a como uma implicação do sujeito;
- ou dar importância à deriva superegógica, entendendo que ela seria uma normatização do sujeito.

Pensaria que seriam dois problemas que nós encontramos na clínica: não deixar que os nossos pacientes transformem a análise num Juízo Final. Me ocorreu dizer a alguém outro dia que uma Psicanálise não absolve e nem faz o Juízo Final. Não se trata de pedir perdão e não se trata também de esperar que exista um Juízo Final. E, por outro lado, todas as tentativas de encontrar o bom caminho nos espaços das derivas imaginárias, me parece que são fadados ao insucesso.

Então, a pergunta que eu me poria era: de que maneira escapar ao domínio da significação, seja ela significação superegóica ou imaginária?

Agora poderia completar um pouco mais isso:



Estou pondo aqui identificação na linha vertical (se eu for utilizar "Totem e Tabu") ou seja, identificação com o superior. Identificação na linha horizontal, a identificação com o meu semelhante.

Para evitar estes desvios, seria uma outra forma. Por que eu não comecei por aí? Porque Lacan já fez isso e eu estou querendo partir de um outro pólo, de uma questão mais próxima ao nosso dia-a-dia.

Qualquer identificação é identificação de palavra e a questão seria exatamente o que escapa à palavra. Analisando um pouco mais isso "existe alguma coisa que escapa à palavra", Freud já tinha notado isso pela primeira vez em 1920 em "Mais Além do Princípio do Prazer." Eu queria chamar a atenção para o texto de Lacan de 1955: "Variantes do Tratamento Padrão." Nesse texto, Henry Ey solicita Lacan para a "Enciclopédia Médico-Cirúrgica", para dizer sobre as variações do tratamento dos psicanalistas. Lacan diz que o problema fundamental na história da Psicanálise é que, a partir de 1920, os analistas não suportaram a descoberta freudiana da pulsão de morte. Quem quiser se aprofundar nesse texto, eu estou me referindo à pág. 332 e 333, na edição original dos "Écrits", aonde Lacan diz:

*"Nós podemos ver que o ponto decisivo foi em 1920, foi aí que se instaurou uma virada na história do movimento psicanalítico em relação*

*aos caminhos que a Psicanálise teria daí pra frente, porque nesse momento esse movimento de demissão no uso da palavra, justifica dizer que a Psicanálise não conseguiu se salvar depois disso.”<sup>4</sup>*

O que é que faz com que ele possa dizer, com tanta violência, que a Psicanálise se perdeu em 1920, não tendo mais podido se safar depois disso? É, ali, ter percebido que a descoberta por Freud da pulsão de morte foi muito mal recebida por seus discípulos – Ernest Jones, por exemplo. Outro dia saiu, na “*Folha de São Paulo*”, alguma coisa sobre o livro de Melanie Klein e um comentário de Jones: “*a pulsão de morte não é uma coisa que se deve por de lado pois foi Freud quem falou, mas enfim...*”

Aonde havia algo que não poderia ser falado, uma vertente dos freudianos resolveu falar. No local do impossível, resolveram falar através da contra-transferência.

É em 1920 que surge a contra-transferência para responder sobre o silêncio da pulsão de morte. Lacan se dedica em inúmeros textos à questão da contra-transferência. Quem quiser ver isto, com mais cuidado, eu recomendo o Seminário I, capítulo 3, aonde retoma a questão da contra-transferência e depois “*A Direção do Tratamento e os Princípios do seu Poder.*”

Em 1955, Lacan já falava que tinha alguma coisa fora de ordem, que tinha alguma coisa fora da ordem do inconsciente, que tinha alguma coisa que não estava na esfera da palavra e que nós tínhamos que dar um outro tipo de tratamento, mas não o tratamento da contra-transferência. O que interessaria era uma formulação que pudesse captar as posições possíveis dos sujeitos falantes frente a esse silêncio. Ele vai levar de 1955 a 1970 para chegar a esta formulação, uma formulação que pudesse ser independente das palavras, como ele o diz no texto o “*Acesso da Psicanálise*”,

*“O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras.”<sup>5</sup>*

Por que um “*discurso sem palavras?*” Porque é o momento aonde o sujeito seria, quebrando a sua continuidade com o real. Explico, para evitar os lacanismos.

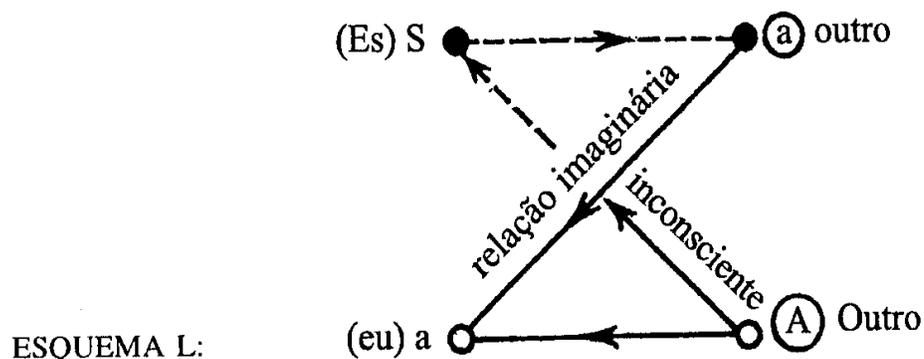
É importante a gente lembrar que a palavra discurso quer dizer descontinuidade. A gente se esquece disso, estamos acostumados a pensar que discurso é falatório. Mas discurso, originalmente no latim, é aquilo que está fora de ordem, está fora do curso, é um desregramento. É um dis-curso e diz respeito a uma des-continuidade do real. Ou seja, eu estou juntando a palavra discurso com a definição do sujeito de

Lacan – o sujeito é uma descontinuidade, é uma descontinuidade do real. Se o sujeito fosse uma continuidade do real, nós não teríamos porque estar aqui, nós seríamos repolhos. E tem muitos analisandos que têm vocação para repolhos, juro! É o ideal do não desejo: -“*Queria tanto ser repolho!*” É ficar no estaticismo de um repolho. O repolho é meu. A metáfora de verdura é de Lacan, ele fala de pessoas que se fazem de verdura.

Discurso é a última formulação dos grafos de Lacan que começam pelo Esquema L. Não vou colocar todos, só quatro: Esquema L, o Esquema R, o Grafo do Sujeito e finalmente os quatro Discursos. Não vou trabalhá-los aqui, vou aguardar a vinda de Lilia Mahjoub-Trobas. A conferência dela, se ela vier ao Brasil, será a ordenação dos grafos de Lacan até chegar aos quatro Discursos.

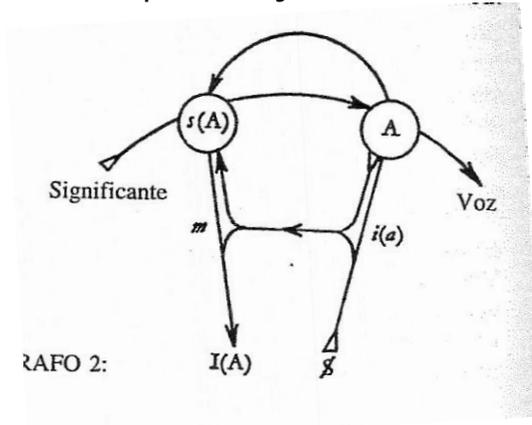
Desde o começo do seu ensino, Lacan está tentando mostrar essa **estrutura** da enunciação independente do enunciado: independente daquilo que você fale, aquilo tem um efeito, produz alguma coisa pela **posição** que você ocupa e não pelo que você disse. Daí ser idiota, por exemplo, estar numa supervisão e perguntar: -“*O que é que eu devo dizer?*” Porque você pode dizer maravilhosamente, mas numa posição errada. O que importa é a posição que você ocupa e não tanto o que você diz. Importa o que você diz também, é claro, mas é fundamental a posição que você ocupa num determinado discurso: se é uma posição analítica ou não, uma vez que a preocupação de Lacan é saber quais são as formas possíveis aos falantes de entrarem em mecanismos de associação, em mecanismos de produção de significação. Enfim, estou dando algumas definições de discurso.

Os quatros Discursos surgem em 1970, depois de tentativas anteriores de mostrar como é que um sujeito se vira na vida, que começa com o esquema L. Quero chamar a atenção que no **ESQUEMA L**, que é o esquema mais banal, ele parte do grande Outro, o sujeito e as relações imaginárias desse sujeito.





O terceiro é o **GRAFO DO SUJEITO**. A primeira linha é a linha discursiva na qual o sujeito vai se manifestar. Vai cortar em dois pontos.



E finalmente os quatro **DISCURSOS**. Estou passando rápido pelos esquemas de propósito, será alvo da Lilia Mahjoub-Trobas.

Os quatro Discursos são superiores aos três esquemas anteriores por uma razão fundamental. 1º: **é aonde nós vemos a inscrição do real**. Se poderia dizer que se vê a inscrição do real no grafo do sujeito. Sim, mas por exemplo, o fantasma no grafo do sujeito está representado na sua condição imaginária. Pela primeira vez nós temos, em Lacan, a quebra da inconsistência do Outro nos quatro Discursos. Tanto que não aparece mais a letra grande Outro nos quatro discursos; aparece sim o  $S_2$ , mas não aparece o  $A$ . E 2º: **nós temos uma variação na posição do real**.

Eu sei que eu falei coisas desrespeitando o caminho que eu estava seguindo até aqui. Eu dei um salto. Me perdoem, por favor, este salto mas eu vou deixar saltado.

A questão o inteiro é: quais são as possibilidades ao homem de gerar uma significação para ele errar menos na vida? Eu saí desse salto que eu dei para uma pergunta mais elementar, para uma coisa fundamental.

A idéia primeira seria que, a partir de uma palavra, quer dizer, a partir de um determinado significante, eu poria este significante em relação ao conjunto de todos os outros significantes e representaria um sujeito. Por exemplo, Manoel não quer dizer nada, mas em Manoel de Lima Pimentel, de Lima Pimentel seria um conjunto de outros

significantes e representaria esse sujeito. Ver-se-á rapidamente que Manoel de Lima Pimentel não representa esse sujeito e qualquer tentativa de uma representação total de um sujeito é fadada ao fracasso.

Lacan então vai dizer: "*Bom, realmente um sujeito como tal eu não posso representar, eu só posso representá-lo em parte*", daí um corte sobre esse sujeito e haverá sempre um resto dessa representação, resto esse que represento como "*uma coisa que não tem nome nem nunca terá*", se fôssemos seguir Milton e Chico.

$$\frac{S^1}{\$} \rightarrow \frac{S^2}{a}$$

$S^1$  – mestre  
 $S^2$  – saber  
 $\$$  - sujeito dividido  
 $a$  – objeto a

Aí nós teríamos a configuração da primeira possibilidade de uma significação, configuração essa que seria a configuração da tribo primitiva, aonde o Mestre por exemplo, teria condições de esconder sua frágil condição humana e, agindo sobre o saber, dominar os objetos a serem gozados. (se nós quisermos usar o Discurso do Mestre em relação à horda primitiva).

Ora, esse seria um Discurso possível e existem três outros. Se obtém cada um dos outros por um quarto de volta, girando no sentido anti-horário.

#### **D. do Mestre**

$$\frac{S^1}{\$} \rightarrow \frac{S^2}{a}$$

#### **D. Universitário**

$$\frac{S^2}{S^1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

#### **D. do Analista**

$$\frac{a}{S^2} \rightarrow \frac{\$}{S^1}$$

#### **D. da Histórica**

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S^1}{S^2}$$

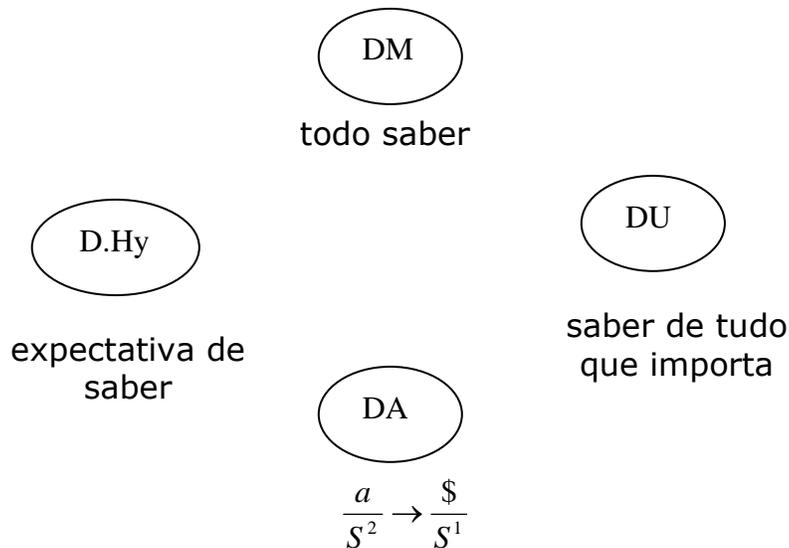
Isso são **matemas**, não existe uma forma de dizer essas quatro letras porque o que importa é saber se aquilo que está sendo dito respeita essa estrutura. Se nós só pudéssemos ler estas quatro letras de uma determinada forma, não seria mais uma estrutura, que era o que Lacan estava buscando. Portanto, essas estórias que eu estou contando são tão válidas como qualquer outra estória, a não ser que elas desrespeitem a ordem dessas letras.

Eu poderia dizer por exemplo que, perdida a possibilidade de eu resolver o impasse frente à vida como Mestre, eu poderia me **apoiar** em um Mestre. Nessa posição de saber, como Lacan disse, eu posso colocar Lacan me sustentando  $\left(\frac{\cdot}{S^1}\right)$  e com isso, operaria sobre a expectativa, sobre o desejo, por exemplo, de quem me escuta, gerando sujeitos como efeito dessa produção discursiva e assim eu teria um outro Discurso, que não é mais o Discurso do Mestre mas é o Discurso que se apóia no Mestre que é o **Discurso Universitário**.

Se eu inverter de outra maneira, eu posso dizer que uma pessoa, sofrendo pela sua divisão (S), pede ao Mestre ( $S^1$ ) que responde (o que representa o saber –  $S^2$ ) sobre aquilo que lhe falta, que ela mantém escondido debaixo dela que é o elemento causa de desejo que é o petit a. E aí eu tenho o **Discurso da Histórica**.

Até aí temos três discursos. Estas três formulações poderiam ficar assim se não houvesse a Psicanálise. E nós veríamos aí as pessoas funcionarem a partir de um determinado ideal perdido, que é o Discurso do **Mestre**, que tem o ideal de um **todo saber**. Mais uma vez Freud, em "*Totem e Tabu*": o pai primitivo tem todo o saber sobre o que importa. E o que o homem não sabe? O homem não sabe sobre a mulher, é isto o que escapa ao saber.

O Discurso do Mestre tem todo o saber, todo saber esse que foi perdido e pode haver uma tentativa de recuperação dessa ferida narcísica na Universidade, aonde não se busca mais um todo saber mas se busca um **saber de tudo que importa**, é universal. É uma das razões que, por exemplo, a Psicanálise não entra na Universidade, porque é um saber que não importa e que não se universaliza.



Então, eu perco o paraíso, a sabedoria me é proibida, eu tento recuperar sabendo de tudo aquilo que importa e aquilo que eu não consigo recuperar eu digo que é lixo e que não me interessa. Isto é do lado do Discurso Universitário.

Por outro lado, eu posso ter uma outra resposta à perda do saber que não se transforme no saber de tudo que importa, mas numa **expectativa de saber**. Aqui eu não tenho todo saber mas eu tenho expectativa de saber, representada pela posição da histérica em relação ao Mestre: diga-me sobre o que falta.

Eu não vou fazer isso agora, mas eu poderia continuar. Quem quiser ver a continuação desse quadro com as estruturas clínicas, eu fiz num texto chamado "*Opção Escola*."

Corresponderia à posição do:

- **Discurso do Mestre, a perversão**
- **Discurso Universitário, a obsessão**
- **Discurso Histórico, a histeria**

Poderíamos ler este quadro com "**Totem e Tabu**" para falar sobre o Discurso do Mestre e com os três trabalhos de Freud sobre "*Contribuições à Psicologia do Amor*":

- "**Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens**", para falar sobre a forma como o obsessivo sabe de tudo aquilo que importa, denegrindo a mulher.
- "**O tabu da virgindade**", para falar sobre a forma que a histérica funciona, com a expectativa de chegar um homem

que, finalmente, será um homem como tal. Tem a expectativa de que um dia chegará um homem que saberá fazê-la gozar, um dia chegará o **Mestre**.

- "**Sobre a tendência universal à depreciação da vida erótica**" diz respeito aos dois lados e à impossibilidade do todo saber.

É interessante essa conjugação, mas passo por ela.

Se alguma coisa nova a Psicanálise traz, do ponto de vista de Lacan nesse momento, é dizer que qualquer um desses três discursos anteriores à Psicanálise: Mestre, Histórica e Universidade, roubam no jogo (seria uma maneira muito pouco acadêmica de dizer). Eles tentam, de alguma maneira, fazer o evitamento da verdade, entendendo verdade como aquilo que escapa ao saber.

Dito de outra maneira, qualquer um desses Discursos tendem a ser completos em si mesmos. Tendem a ser três respostas plenas: o perverso está feliz de ser perverso, o obsessivo está feliz de ser obsessivo e a histérica está feliz de ser histérica. Ninguém procura uma análise porque está histérica ou porque está obsessivo. Alguém procura uma análise porque a histeria ou a obsessão não estão dando certo e querem dar uma melhoradinha, tanto na obsessão quanto na histeria e o perverso não procura mesmo porque normalmente dá certo!

Podemos perguntar: onde está psicótico aqui? Ele não está porque isto aqui é uma estrutura do discurso e ele está fora-do-discurso. Eu comecei falando da definição do sujeito como uma descontinuidade com o real e daí discurso. Por que o psicótico está fora do discurso? Porque, paradoxalmente, ele sim está em continuidade com o real.

O **Discurso do Analista**, isto é fantástico, de certa maneira, nos chamar a atenção: é um discurso que não vai roubar no jogo, é um discurso que vai pôr uma causa ao sujeito: a própria causa como implicando a esse sujeito, solicitando a produção de significantes e pondo em repouso o saber.

Aqui seria interessante lembrar que é Discurso do Analista e não do analisante. Essa configuração do Discurso do Analista vai muito contra a expectativa que nós temos do que seja uma análise. Por quê? Porque nós pensamos que uma análise é o apanágio, é o carnaval, é o festival das formações do Inconsciente, que, mais do que em qualquer outro lugar na vida, uma análise é aonde uma pessoa tem que fazer sonhos, lapsos, atos falhos, esquecimentos etc. Fica interessante, mas isto vai explicar as sessões curtas de Lacan, que vai dizer: "*Não, isso é o discurso do analisando, isso é o discurso do inconsciente.*" Para nós adiantarmos mais um pouco, esse discurso é o do **Mestre**, que é um discurso que não para de gerar significações e aonde o sujeito está em

repouso. Vamos colocar nessa casinha aqui, o sujeito fica em **repouso** ou **preguiça!**

$$\text{D. Mestre} \quad \frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Sigo nesse momento a articulação do nosso companheiro de cartel Jacques-Alain Miller em seu texto "*Conferência de la Alhambra – Del Saber Inconsciente a La Causa Freudiana.*" Sugiro a leitura, veio numa revista da Cataluña e são duas conferências – uma "*de La Madraza*" e outra "*de La Alhambra.*"<sup>8</sup> Há aí um percurso do saber inconsciente: do ato falho, do chiste, do lapso, do sonho à causa freudiana, ou seja, progressivamente: do significante ao objeto, ou do amor ao gozo, ou do saber à verdade etc etc. E muito interessante é que, nesse momento, nessa conferência, Jacques-Alain propõe colocar este ponto, aonde muitos sabem que Lacan coloca a verdade\*, como sendo o local da preguiça, o local daquilo que não trabalha. No Discurso do Mestre o que não trabalha é o sujeito, o que trabalha é o saber. No Discurso Analítico, o que trabalha é o **sujeito** e o que está na preguiça é o saber, o que se suspende é o saber.

$$\text{D. Analítico} \quad \frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Por que isso?, que pode nos parecer profundamente estranho. Porque numa análise (e é assim que eu entendo isso, não sei como vocês pensariam...), não se trata de ver as formações do inconsciente (o que explicava, por exemplo, as pessoas ficarem horas com seus pacientes), mas se trata de **subjeter essas formações do inconsciente**, aonde o **sujeito** teria que trabalhar e não o saber. Não é tipo assim: "*não, espera aí um pouquinho, na próxima sessão eu vou dar uma sonhadinha e já volto.*" É uma **forçagem!** A maquinária lacaniana é feita para isso, é para levar a uma situação analítica tal aonde a pessoa possa escapar das identificações verticais (Discurso Universitário) ou da deriva histórica; é para fazer com que aquela pessoa que fala, possa subjeter aquilo que está sendo dito, fazer-se **sujeito de sua história** e não ficar a história de um lado e o sujeito do outro. Leiam a maneira como Eric Laurent descreve esse momento, à pg. 26:

*"Nesse sentido, se chama saber ao conjunto dos significantes que vão repetindo-se, então o saber aparece como uma guia, o ordenador*

---

\* No seminário "O Avesso da Psicanálise" e em "Radiofonia", sendo que "Radiofonia" é uma radiofônica no

*de um sulco que nos conduz à partir daquela primeira experiência reprimida. E em cada um de nós, se seguimos Freud, trabalha o inconsciente, que nos guia a essa repetição das vivências do gozo. O estatuto de início disto é que, toda a nossa vida, através dos sintomas, das formações do inconsciente da estrutura do fantasma, tudo isto está ordenado por esse saber que trabalha em nós. Esta é a razão pela qual o primeiro que faz um analista é tratar de deter este trabalhador incansável, de deter esse trabalho sem fim. O primeiro que faz o analista é tratar de que seu paciente passe ao divã: ou seja, lhe impede trabalhar. No discurso analítico, no lugar desse trabalho sem fim se pede um descanso": "no lugar da produção sem fim de sintomas, atos falhos, repetições, atuações e tudo o que ordena esta vida, se pode reservar um lugar entre parênteses no qual se vai examinar o que se deposita. É a razão pelo qual, no seu algoritmo da transferência, Lacan pode escrever um sujeito que está em reserva de produzir uma série de significantes. É o que designa a posição de saber no discurso analítico, a qual é outra no Discurso do ano. Isto é essencial para entender a diferença que Lacan faz neste 'Seminário' entre o saber, enquanto que trabalha, e o saber enquanto instalado pela análise no lugar da verdade. Uma verdade não trabalha: se revela. Neste sentido, o lugar da verdade é também o lugar da preguiça. Isto foi estabelecido por Jacques-Alain Miller em uma conferência, em Espanha."*<sup>9</sup>

Quando li isso e discutimos também em cartel, fiquei me perguntando como melhor poderíamos nos aproximar da sensibilidade clínica a essa definição. O que eu consigo pensar, não sei se isso pode estar claro, é o seguinte: se nós retomarmos agora o texto e a nossa questão desde o começo, vamos ver em Caetano Veloso que "*alguma coisa está fora de ordem*" e vamos ver em Lacan (em 1955, quando ele retoma a questão de 1920, em Freud), que "*alguma coisa não pode se escrever.*" O que é fundamental para esse homem – Jacques Lacan – é que nós possamos, mas nossas clínicas, darmos conta da repetição. E ele deixa isso bem claro no "*Avesso da Psicanálise.*" Eu vou destacar algumas frases rapidamente para dizer como é que eu veria essa problemática. Na página 43 de "*O Avesso*", Lacan diz:

*"O inconsciente permite situar o desejo, eis o sentido do primeiro passo de Freud, já inteiramente não apenas implicado, mas propriamente articulado e desenvolvido na 'Traumdentung'. Isto para ele já está dado quando, em um segundo tempo, aberto por 'Além do Princípio do Prazer', afirma que devemos levar em consideração essa função que se chama como? – A repetição.*

A repetição, o que é? Leiamos o texto de Freud, e vamos ver o que ele articula.

É o **gozo**...<sup>10</sup>

Eu acho que posso ir rápido aqui porque essa frase sintetiza tudo o que eu tentei desenvolver até agora. Ou seja, na "*Traumdeutung*", na "*Interpretação dos Sonhos*", o significante é meio significante.

Na página 44, logo no começo ele diz:

*"O inanimado. Ponto de horizonte, ponto ideal, ponto fora do traçado, mas cujo sentido se revela à análise estrutural. Revela-se perfeitamente pelo que há de gozo."*<sup>11</sup>

São duas orações. Uma que define o nosso objetivo de saber aonde vamos ancorar o sujeito, aonde terminará a análise. Na outra diz como: ele diz que "*revela-se perfeitamente pelo que há de gozo.*"

Então, a primeira define o que é que se busca numa análise e essa definição é muito semelhante à que se encontra em *L'Étourdit*. É aonde aparece com o nome de **ponto de fixão**, com x. ponto de fixão seria o ponto aonde, além das ficções (ou seja, das estórias que os pacientes contam de análise), finalmente haveria um ponto aonde este sujeito se fixaria (ele chama, então, de ponto de fixão e faz uma relação com o plano projetivo). Ele também faz uma relação com algo "*fora-do-mundo*" ou "*i-mundo*", numa relação com Kant e com o número transfinito (Cantor). Tudo isto está em *L'Étourdit* e é interessante ver, está na página 27, no original e página 472 em português no livro "Outros Escritos."

*"Em outras palavras, é o plano projetivo de Desargues, plano cuja descoberta, como que reduzindo seu horizonte a um ponto, esclarece-se pelo fato de esse ponto ser tal que toda linha traçada, ao chegar até ele, só o transpõe ao passar do direito ao avesso do plano."*

Lacan diz que é um ponto no horizonte, um ponto fora de linha, mas cujo sentido se revela à análise estrutural. Ou seja, tudo isso é difícil, mas veja, o "*sentido*" se revela, não é o "*significado do objeto do desejo*" que se revela.

*"O sentido se revela à análise estrutural. Revela-se perfeitamente pelo que há de gozo."*

Bom, e agora, como é que eu vou saber aonde há um gozo? Lacan é generoso nesse texto e, claro como sempre, nos diz logo em seguida:

*"Como tudo nos indica nos fatos, na experiência e na clínica, a repetição se funda em um retorno do gozo. E o que a esse respeito é propriamente articulado pelo próprio Freud é que, nessa mesma repetição, produz-se algo que é defeito, fracasso."*<sup>13</sup>

Mas em outra linha ele diz:

*"Aí é que se origina, no discurso freudiano, a função do objeto perdido. De todo modo, não há necessidade de lembrar que é expressamente em torno do masoquismo – concebido apenas sob a dimensão da busca desse gozo ruinoso – que gira todo o texto de Freud."*<sup>14</sup>

Passo, são páginas que eu acho que têm que ser vistas com cuidado. Eu acho que tem aí algo bastante fundamental. Ele discute em *"Além do Princípio do Prazer"* mas, acredito que isso dá, no imaginário da clínica, aquela sensação cada vez mais esvaziadora, de certa forma, que uma análise tem e um certo: *"não gosto do que estou vendo."* Dá uma certa coisa assim: *"mas será que eu sou isso?"*, ou seja, existe algo de ordem abjecta, nesse ponto ruinoso de gozo.

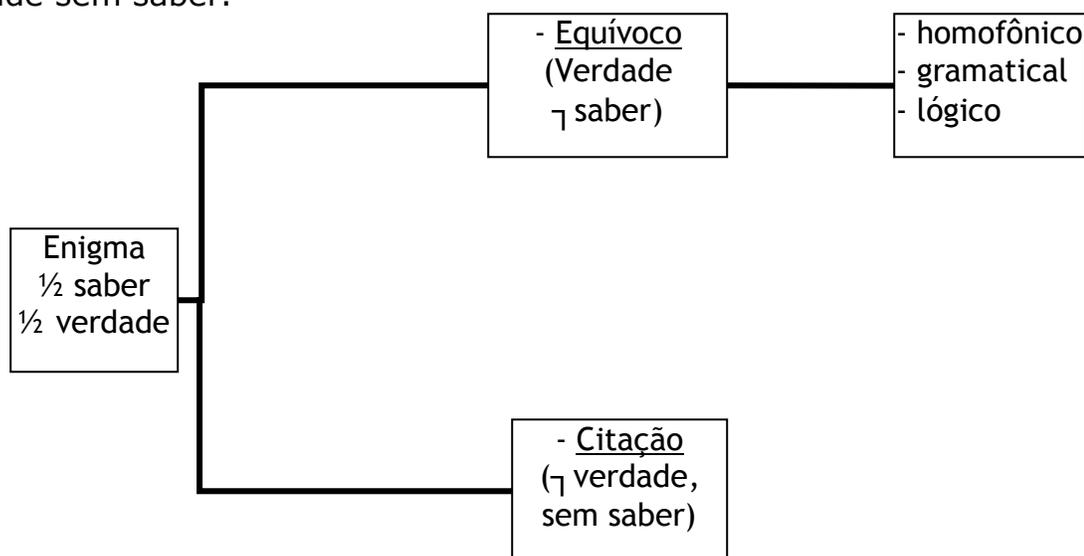
O analisante faz tentativas de não errar, seja na vertente do saber de tudo, seja na vertente da expectativa de saber. Tenta não errar através das suas formações do inconsciente ou através da sua tentativa da magistralidade. Tudo o que o analisante quer ser na vida é ser um bom analisante, não é? É uma pergunta que ele constantemente faz: - *"Estou sendo um bom analisante?"* E um bom analisante é ter bons sonhos, boas associações, bons isso, bons aquilo... E muitas vezes fica chateado porque leva um sonho enorme e o analista interrompe a sessão. E ele diz, por exemplo: - *"Depois de tudo isso, como é que pode cortar a sessão?"*

A postura é tal que não se trata dessas formações do inconsciente, mas se trata da pessoa se **subjetivar**, fazer com que essas... com que esse saber... Bom, eu não sei. Realmente eu estou no início do que eu possa formular, porque eu vejo que vou fazer formulações imaginárias... mas seria, mais ou menos, dizer: *"fazer com que aquilo possa ser seu"*, mas é muito ruim falar dessa maneira. Não estou nada contente em falar assim mas, enfim!... de levar um saber a esse ponto aonde possa parar de errar.

Concluo que Lacan, ainda nestas páginas, nos diz como ocupar essa posição e como fazer a interpretação. Ora, esse saber que está em repouso, que o analista sustenta, é um saber de **meia verdade**, é o famoso saber que não diz tudo. Lacan vai trabalhar isso nas páginas 34

e 35 de "O Averso" (ele vai dar as regras de interpretação); eu vou juntar agora o que ele diz nessas páginas com o que ele diz sobre interpretação em *L'Étourdit* (pág.30).

Na medida em que eu faço uma suspensão de saber numa análise, a suspensão de saber ou o efeito de um saber com meia verdade, é um efeito de **enigma**, que é a forma que Lacan entende que é a posição elementar do analista. O analista tem, frente a seu analisando, uma posição enigmática. Não é um convite à imaginação da posição do analista do tipo: "*receber um paciente sob um lençol!*" Mas é um discurso tal que o ponha numa posição enigmática frente à demanda do Outro e só frente à demanda, mais nada. Pode conversar... só que, frente à demanda, há que assumir uma posição enigmática de meio saber; eu poderia também dizer "*de meia verdade*" – ou é meio saber, ou é meia verdade. A interpretação é um saber sem verdade ou é uma verdade sem saber.



Quando a interpretação é uma verdade sem saber, ela é um **equívoco**. Repito (quadro): quando o enigma é uma verdade e não saber, ele é um **equívoco**. E é em *L'Étourdit* que ele define três tipos de equívoco: homofônico, gramatical e lógico.

Não vou ter tempo de destrinchar cada um deles mas, por exemplo, o **equívoco lógico** são todas as formulações paradoxais de um analista. Um exemplo mais fácil: aonde fica parecendo que o analista diz tudo com começo, meio e fim, só que o faz numa lógica paradoxal, aonde o começo, meio e fim volta ao começo, meio e fim... volta ao começo, meio e fim... e aonde a pessoa tem que se decidir, aonde a decisão não vem pronta.

O **equívoco homofônico** são as homofonias de palavra, são fáceis.

O **equivoco gramatical** são certas construções de língua que podem dar equívocos.

Qualquer uma dessas três possibilidades de interpretar gerando um equívoco: - "*Ah! Concordo plenamente com o que você disse, mas o que foi que você disse?*" Ou seja, imediatamente posterior ao momento de concordância, vem uma pergunta: - "*O que foi mesmo que você disse?*" Aí é aonde o analista pode apontar: - "*O que foi mesmo que você concordou? Qual o ponto que fez com que fosse possível a concordância?*"

No equívoco existe uma verdade mas não existe um saber.

Na **citação** existe um saber mas não existe uma verdade. Existe não verdade e sim saber. A citação não é dividida em tipos por Lacan. Nesse tipo de interpretação, por exemplo, que eu fiz: "*O Deus se preocupa com o pênis e não se preocupa com o seio*", eu estou citando a Tora. Mas, absolutamente, eu não sei qual é a verdade disso. A verdade disso é algo que me escapa completamente.

Estas duas formas (equivoco e citação) são as que ele classifica como posição enigmática, que levaria uma pessoa a ser capaz de avançar um pouco mais sobre o real do seu gozo.

No "*Discurso de Alhambra*", Jacques-Alain Miller diz o seguinte:

*"Há um saber assegurado no final de análise em oposição ao saber suposto na entrada."*<sup>15</sup>

Uma frase bastante dura. Trata-se de um saber sobre o sexo, porque é um saber sobre como falar ao Outro. O benefício essencial de uma análise é o que o sujeito obtém por haver aceito **Pôr-se a trabalhar em sua própria vida** e não **deixar que o saber inconsciente trabalhe em seu lugar**. Veja, esta é uma outra formulação do que eu tentava dizer agora há pouco de o que quer dizer **subjetivar** as formações inconscientes. O benefício alcança o sujeito por esse trabalho da palavra (que é uma Psicanálise) e, como pode esperar-se de um trabalho com a palavra, o benefício é um bem-dizer. Um bem-dizer, o que é? É uma pessoa poder ir um pouco além daqueles momentos numa sessão em que diz assim: "*tudo o que eu disse não serve para coisa alguma?*" ou "*eu não consigo dizer mais nada, me dá um branco...*"

#### **IV – CONCLUSÃO**

Minha conclusão é que a Psicanálise não vai mais além da poesia... Como pensava Lacan, a criação artística, a invenção do saber (a invenção!) é o melhor que se pode esperar de uma análise. De

maneira que o saber psicanalítico é o saber que está na escola da poesia.

Acho que, no percurso disso tudo, nós deveremos destacar, numa clínica de gozo, essa função de cada um desse algo objecto, desse algo *"eu não quero saber nada disso."*

Esse *"eu não quero saber de nada disso"*, como muitos sabem, é a definição de Lacan do neurótico: *"Para que eu vou fazer uma análise? Eu não quero saber nada disso!"*

Uma pessoa que pôde saber disso tem um benefício: se ela souber disso, deve parar de errar, no sentido de se perder; e é a partir dessa posição, dessa posição abjecta, que ele pode vir a se sustentar na vida e como analista.

Essa posição pode ser passível de comunicação – de como é que uma pessoa chega a esse ponto, como é que a formula. Foi a hipótese que Lacan fez quando propôs o **passé**.

A pergunta final, ao menos a que me ficou, é o que é que leva cada um (ou a muitos daqui), depois de ter passado por tudo isso, depois de saber qual é o destino no final de uma análise, escolher um *mettier* de vida, exatamente, ser um analista.

(texto de 1993)